

Um terceiro trimestre infernal

Indústria tem primeira retração desde 99 e inadimplência bate recorde em dez anos

Editoria de Arte

Flávia Barbosa, Flávia Oliveira,
Eliane Oliveira e Valdezer Caetano

RIO e BRASÍLIA

A economia brasileira passou, entre julho e setembro, pelo seu pior trimestre desde a desvalorização do real, em 1999, de acordo com todos os dados fechados até agora. Projeções de analistas indicam que o Produto Interno Bruto (PIB) pode ter registrado retração de 0,5% no período e a indústria, queda de 3%, com recuo de 20% na produção de alumínio e de 24% na de automóveis. No varejo, o número de cheques sem fundos foi o maior em dez anos — nove milhões de voadores no período, de acordo com o Serasa. Já as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) caíram 4,1%, voltando em setembro ao patamar da crise russa de 1998. Como pá de cal, levantamentos inéditos da Federação das Indústrias do Rio (Firjan) e da Federação do Comércio Varejista (Fecomércio) do estado sugerem um quarto trimestre ainda pior.

— O nível de atividade está no mesmo patamar do segundo trimestre de 2000. Avançamos um ano para voltar ao mesmo lugar — diz Alexandre Fischer, diretor da RC Consultores.

Reflexo da escalada do dólar, do aumento dos juros e do racionamento, indústria, comércio e serviços estão colhendo resultados muito menores do que os esperados no início do ano. O desempenho do varejo, a ponta da atividade econômica, desenha o cenário com precisão. Termômetro das vendas, o número de consultas ao SPC ficou em 1,291 milhão em setembro, em São Paulo, contra 1,309 milhão em setembro de 1998.

— As consultas devem cair 5% no último trimestre. A inversão de tendência foi completa em setembro, enterrando a expectativa de um ano melhor — diz Marcel Solimeo, da Associação Comercial de São Paulo.

Pessimismo impera entre empresas e consumidores

• O cenário deve piorar, embora efeitos estatísticos (o terceiro trimestre foi o mais forte do que o quarto em 2000) provoquem projeção de um PIB maior. A pesquisa de perspectivas da indústria fluminense, concluída dia 30, revela que 41,46% dos industriais venderam menos no terceiro trimestre. Com isso, 47,56% dos 82 empresários ouvidos antevêm retração de vendas e consumo no último trimestre. Se isto ocorrer, 64,71% reduzirão produção e 44,12% demitirão funcionários.

— A sensação é de que a retração vai perdurar e expectativa pesa muito nas decisões de negócios. A pesquisa, neste sentido, é um mau sinal — afirma Luciana Sá, gerente de pesquisas da Firjan.

Encerrada há uma semana, a pesquisa de

situação econômica do consumidor, da Fecomércio, indica que o orçamento familiar encerrou setembro estrangulado: 26,3% dos entrevistados estão com prestações atrasadas, contra 14% no mesmo mês de 2000; 40% viram os gastos básicos aumentarem em setembro; e mais de um terço tem hoje um financiamento. Por isso, menos de 25% dos consumidores acreditam que sua situação financeira vai melhorar em outubro e menos de um terço espera tempos abonados daqui a seis meses. Luiz Roberto Cunha, diretor do Instituto Fecomércio, conclui:

— A capacidade de gastar está muito curta, mesmo antes dos aumentos de ônibus e eletricidade no Rio. Isso abre a perspectiva de um Natal sombrio para o comércio.

Nos serviços, a procura por hotéis e viagens já caiu, especialmente a de negócios, no Rio. O Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis e Restaurantes já prevê uma onda de demissões

até o fim do ano. Técnicos da área econômica do governo avaliam que, com o poder de compra da população cada vez menor, a crise também baterá em serviços como manicure, trabalhos domésticos e táxi.

Construção civil deixará de criar 90 mil vagas

• O setor de construção se prepara para fortes perdas daqui em diante. A expectativa de crescer 5% este ano já foi revista para menos de 2%. O presidente da Câmara Brasileira da Construção Civil, Luiz Roberto Ponte, afirma que, com este cenário, o setor vai deixar de empregar cerca de 90 mil pessoas em 2001.

Nas companhias abertas, o cenário não é diferente. Embora os balanços do terceiro trimestre não tenham sido divulgados, os analistas

esperam que, de julho a dezembro, o setor produtivo apenas acentue as tendências sinalizadas nos três meses anteriores. Assim, empresas ligadas ao consumo devem amargar imensa retração. Consequência direta da alta dos juros, do dólar e do intenso desaquecimento da economia brasileira, após os atentados terroristas nos EUA, diz Ricardo Kobayashi, chefe da área de análises do Banco Pactual.

No setor elétrico, o racionamento continuará deprimindo as atividades. As teles vão sofrer com o aumento da inadimplência. As siderúrgicas estarão duplamente amarradas pela retração do mercado interno e pelo crescimento do passivo em dólares. Horizonte bom mesmo, só para os bancos e as companhias exportadoras, como Vale do Rio Doce, Aracruz e CST. A alta do dólar, segundo o economista Aluísio Campelo Jr., da Fundação Getúlio Vargas (FGV), vai compensar a queda nos preços das commodities. ■

A desaceleração da economia

O BRASIL EM MARCHA LENTA

Projeções para o PIB

(em relação ao mesmo trimestre de 2000)

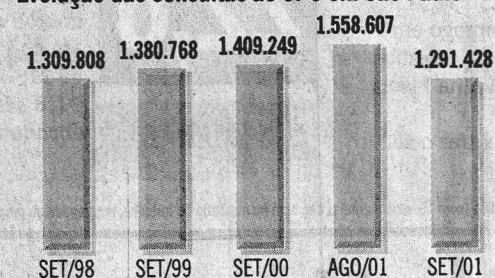
	RC Consultores	BBV Banco
3º Trimestre	-0,5%	0,4%
4º Trimestre	-0,3%	0,9%

Projeções para as componentes do PIB*

(em relação ao mesmo trimestre de 2000)

	Indústria	Serviços	Agropecuária
3º Trimestre	-3%	2%	3,2%
4º Trimestre	-1,7%	2,4%	2,4%

Evolução das consultas ao SPC em São Paulo



Evolução dos cheques sem fundos

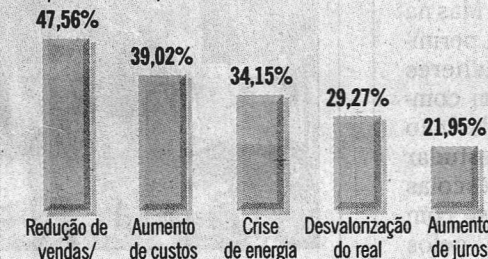


*Previsão do BBV

EXPECTATIVA DAS INDÚSTRIAS FLUMINENSES

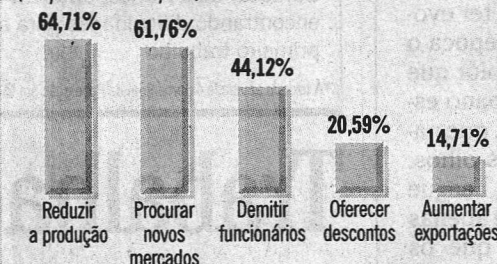
O que mais preocupa atualmente em relação aos negócios?

(respostas múltiplas)



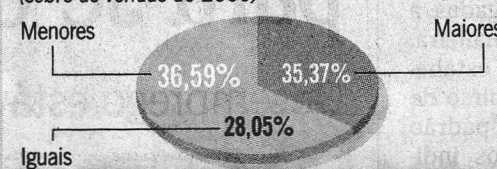
Se prevê queda de vendas, o que fará para reduzir os efeitos?

(respostas múltiplas)



Qual a expectativa em relação às vendas de 2001?

(sobre as vendas de 2000)

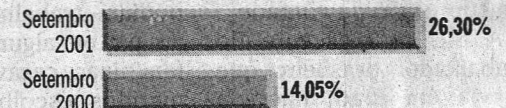


EXPECTATIVA DOS CONSUMIDORES CARIOCAS

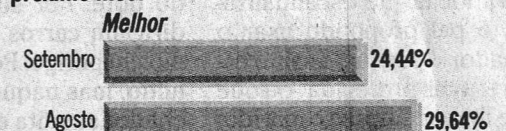
Está com alguma conta atrasada



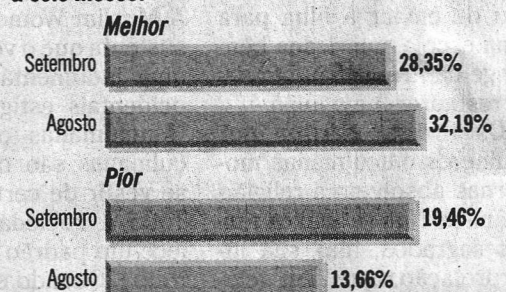
Está com crediário atrasado



Como estará sua situação financeira no próximo mês?



Como estará sua situação financeira daqui a seis meses?



Fontes: RC Consultores, BBV Banco, Serasa, ACSF, Firjan e Fecomércio